

QUE LIBERTAÇÃO? O CAMINHO DA TEOLOGIA DESDE A AMÉRICA LATINA DA PERSPECTIVA EUROPEIA¹

Erhard S. Gerstenberger²

Resumo: São duas as lições principais a serem apreendidas por uma comparação crítica do falar em Deus no mundo: por um lado, constata-se a dependência íntima de cada teologia com as diferentes condições culturais e sociais. Por outro lado, fica bem evidente que as normas vigentes no mundo de hoje entram em um diálogo profundo com a mensagem bíblica de outrora. A teologia da libertação, especialmente da América Latina, de uma maneira inédita e significativa, está capacitando exegetas e teólogos sistemáticos para aceitar os desafios modernos das últimas cinco décadas em situações políticas e econômicas bem diferentes.

Palavras-chave: Teologia da libertação. Leitura bíblica libertadora. Teologia da solidariedade.

*What Liberation? The Journey of the Latin American Theology
from a European perspective*

Abstract: Two main lessons may be learned by comparing theological conceptualizations prevalent in different cultures throughout the world: For one, each specific theology is intimately tied up with existing mental and social conditions. Secondly, theological assertions found in the biblical tradition have to enter into a profound dialogue with the basic norms reigning in our own times and contexts. Liberation theologies over the past fifty years have marvellously enabled biblical exegetes and systematic theologians alike to meet the challenges of our age in changing and conflicting political as well as economic situations.

Keywords: Liberation Theology. Liberating reading of the Bible; Solidarity Theology.

Pontos de partida

Falar do caminho da teologia sem dúvida implica a perspectiva própria do autor porque ninguém jamais pôde descrever os desenvolvimentos do pensar teológico em si, ou seja, objetivamente e no sentido abrangente. Qualquer reflexão sobre

¹ O artigo foi recebido em 28 de julho de 2010 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 29 de agosto de 2010.

² É graduado e doutorado em Teologia (Bonn). Realizou sua habilitação (Antigo Testamento) em Heidelberg, Alemanha. Estudou e lecionou na Yale Divinity School (EUA) por cinco anos. De 1975 até 1981, atuou como professor de Antigo Testamento na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo/RS. Na Alemanha, trabalhou nas universidades de Giessen e Marburg. O penúltimo livro da sua autoria, "Teologias no Antigo Testamento" (2001), foi traduzido e publicado pela Editora Sinodal/CEBI/EST, São Leopoldo, em 2007. Seu último trabalho, "Israel in der Perserzeit" (Stuttgart: Kohlhammer, 2005) está sendo preparado para a publicação no Brasil pelas Edições Loyola. gersterh@staff.uni-marburg.de

o estado do mundo, da humanidade e de Deus necessariamente está intimamente ligada com as circunstâncias biográficas daquela pessoa que reflete. No meu caso: pertencço a uma espécie um pouco rara de teólogos, que não só se criou na classe baixa, secularizada dos trabalhadores industriais da Alemanha, mas também recebeu a sua formação profissional em grande parte fora do país de Lutero, a saber, nos Estados Unidos e no Brasil.³ A minha biografia é bem colorida, parece às vezes até confusa ou perturbada e, conseqüentemente, muitos observadores têm a impressão de que as minhas afirmações teológicas devem refletir o meu caminho meândrico dos últimos, digamos, setenta anos.

Seja como for, aprendi muito através da caminhada pelos continentes. Por isso parto de certas pressuposições cada vez que me empenho em enxergar um pouco do fazer teológico e da sua importância para mim e para a época vigente. Entre outras convicções fortes, esta talvez seja a mais dominante: Creio que a teologia cristã não tem pátria exclusiva, nem a Palestina antiga, nem a Alemanha, nem os Estados Unidos. O Evangelho da libertação tem que e pode se inculturar em qualquer nação e língua do mundo, com resultados teológicos bem diferentes. Olhando, estudando, ensinando em vários países e culturas (até na reserva indígena da tribo Navajo em Arizona/New Mexico: que experiência super-rica!). Felizmente perdi a minha crença nativa de que o padrão teológico do protestantismo certo (ou: certíssimo, único) seria o das igrejas confessantes, antinazistas da Alemanha. Os meus professores da época pós-guerra, mais ou menos, propagaram essa linha de pensamento, com grande seriedade e plausibilidade. Mas peço desculpas! Eles erraram, como entendi depois de um ou dois anos no estrangeiro. Outras culturas têm que ter a sua própria maneira de experimentar a sua realidade e identidade e desenvolver uma prática da fé cristã da qual pode crescer uma doutrina cristã autóctone e adequada. Certo, o evangelho visa a toda a humanidade, e a história atual, mais do que nunca, está no caminho da globalização. Os dois fatos exigem uma reflexão global sobre todas as inculturações específicas da mensagem salvífica. Mas tais desafios globalizantes não podem erradicar a pregação no vernáculo de cada uma das pessoas existentes em tantas culturas diferentes. A outra verdade tradicional também permanece importante: o Evangelho inculturado provém de uma raiz comum a todas as plantações da fé e por isso tem que manter o seu diálogo com os testemunhos dos antepassados. Quer dizer: As formas da fé herdadas têm uma importância grande: elas orientam tradicionalmente o nosso comportamento e a nossa confissão. No decorrer dos tempos, nas mudanças das culturas, elas servem como parceiras no diálogo, que é muito necessário. Nunca devem prevenir, porém, a abertura para os desafios futuros e os encontros vitais com outras religiões.

³ Cf. GERSTENBERGER, Erhard S. apud GRÄTZ, Sebastian; SCHIPPER, Bernd U. (Eds.). **Alttestamentliche Wissenschaft in Selbstdarstellungen**. Göttingen: Vandenhoeck, 2007. p. 140-152. (UTB 2920). Mais informações na minha website <<http://www.staff.uni-marburg.de/~gersterh/>>.

Voltando aos continentes e suas teologias específicas, a América Latina tornou-se a maior influência teológica na minha vida. Chegamos a São Leopoldo para a então chamada “Faculdade de Teologia da IECLB” em junho de 1975, no meio da ditadura militar, da censura rígida da imprensa, de aprisionamentos arbitrários e torturas nas dependências do DOPS. Sabíamos que também a nossa faculdade era supervisionada, bem como o seminário Cristo Rei e a Unisinos, ambos operados pelos jesuítas. Naquela época, uma boa parte de estudantes e docentes da FacTeol estava inserida no movimento da “teologia da libertação” oriundo das comunidades eclesiais de base, sendo refletido e articulado em muitos seminários e faculdades católicas e alguns poucos (por causa da situação minoritária) protestantes. A miséria da grande maioria das populações da América Latina era gritante, a repressão dos governos militares aumentou os sofrimentos. Nessa situação (depois do Concílio Vaticano II e da Conferência Geral dos Bispos da América Latina de Medellín), as igrejas cristãs realizaram, à luz do evangelho bíblico, que era uma obrigação divina e humana atender ao clamor dos necessitados e marginalizados. Nesses dez anos antes do ressurgimento da democracia no Brasil (1985), houve uma moção popular impressionante apoiada pela “prática e teologia da libertação” para superar a ditadura e melhorar as condições de vida. Foi essa a situação que encontramos chegando ao Rio de Janeiro em março de 1975 para estudar a língua brasileira e nos “aculturar” à vida eclesial, econômica e política. Como já disse antes: aí começava a fase mais produtiva da minha existência teológica. O que experimentei nesses anos até a nossa volta à Alemanha (1981) e depois em vários períodos de novamente trabalhar na FacTeol de São Leopoldo bem como na Faculdade Metodista de São Bernardo do Campo? Como posso descrever, a partir do meu envolvimento, o caminho dessa teologia fascinante e autêntica no decorrer das décadas seguintes levando-nos ao novo milênio? Certamente há de se considerar também os grandes transtornos histórico-políticos dos anos 1990 e as vitórias e derrotas do sistema capitalista do mercado global irrestritas, desenfreadas. Quero apenas tocar em alguns pontos espiritualmente importantes no quadro enorme da época.

Reconhecer a realidade

A teologia cristã tradicional da Europa tem pouco a ver com a realidade do mundo. Ela sempre se entendia como ciência dedutiva, quer dizer, derivada do tesouro escrito das revelações bíblicas e, em alguma medida, também da tradição confessional própria (não somente os católicos romanos contam com essa herança espiritual!). A ideia básica é a seguinte: Deus nos comunicou, através de Moisés, dos profetas, dos apóstolos e, sobretudo, de Jesus mesmo tudo o que é necessário para esta vida terrestre e para a chegada ao paraíso depois. Não se precisa de nenhuma outra informação, orientação ou conhecimento. A teologia ou o evangelho cristão trabalham com dados existentes. A verdade fica encaixada no passado. Qualquer preocupação com outras áreas de conhecimento contemporâneo fica supérflua. A

ênfase que se deu ao estudo da “realidade brasileira” atual, já no nosso curso do CENFI no Rio e depois no ensino teológico da FacTeol, me surpreendeu e agradou. Muita gente pensava e falava assim: Sem conhecer a (feia) realidade social, econômica e política do país, o discurso teológico não pode nem começar. Deduzir verdades das Escrituras ou fazer um concentrado nutritivo das suas doutrinas é em vão. Qual a razão para tal opinião e quais as suas implicações?

Parece que a orientação exclusiva das igrejas para o passado e para si mesma foi desmascarada no Brasil como insuficiente, pior ainda, como álibi para defender apenas posições de poder e privilégio por parte das hierarquias existentes. O tempo presente tinha que ser consultado urgentemente para determinar o curso da fé. Que realidade da conjuntura vigente pesava mais fortemente? Quais os fatos “relevantes” para o fazer teológico?⁴ A resposta era clara para muitos cristãos da América Latina, ganhando força até em outros continentes. Os sofrimentos dos marginalizados, a desumanização dos miseráveis eram fatores relevantíssimos para a teologia. Na superfície tratava-se de dados estatísticos tirados dos censos oficiais:⁵ Tantos por cento da população vivem abaixo da renda que garante uma vida humana mínima; a mortalidade infantil é alta em comparação com outras nações; a acumulação tremenda de posses nas mãos de uma minoria elitista. Mas a realidade decisiva no pensar e atuar teologicamente eram as pessoas miseráveis mesmas. Isso em si já significa que a realidade não só foi considerada um material neutro, a ser moldado pelo missionário cristão, mas que era um sujeito com rosto e vontade próprios. A teologia da libertação descobriu a realidade falante e com autoridade espiritual equivalente aos possuidores tradicionais de poder dentro da igreja organizada. Os pobres ganharam uma voz teológica.

No fundo, era esse o desafio mais sério para as autoridades eclesiais, especialmente o Vaticano, bem como os teólogos da libertação. As autoridades estabelecidas das igrejas temeram a concorrência espiritual e tentavam erradicar o pensamento liberal e moderno, inclusive denunciando-o de “comunista” e “subjetivista” protestante.⁶ O outro lado, o movimento minoritário, mas com voz e bem presente nas discussões públicas, tentava elaborar uma doutrina alternativa, voltada ao presente. Surgiu a necessidade de reconhecer uma outra autoridade teológica, fora da hierarquia eclesial, a saber, os pobres. Eles, com efeito, não eram mais considerados “objetos”, a ser evangelizados pela igreja tradicional, mas se tornaram,

⁴ Muitos teólogos levantaram essa pergunta, por exemplo Gustavo Gutierrez, Hugo Assmann, Jon Sobrino, Pablo Richard.

⁵ Lembro-me bem do forte impacto do estudo publicado pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo sob os auspícios de Dom Paulo Evaristo Arns (e com colaboração de Fernando Henrique Cardoso!), em São Paulo, 1975. Cf. COMISSÃO de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo. **Crescimento e pobreza**. São Paulo: Loyola, 1976.

⁶ Cf. as instruções da congregação da fé referente à teologia da libertação de 1984 e 1986 e muitas atuações das hierarquias cristãs (católicas bem como protestantes) contra qualquer aberração modernista até hoje.

sim, “sujeitos” com vontade, experiências e fé próprias, a serem reconhecidas pelo “povo de Deus”.⁷ Falava-se não somente em opção teológica pelos pobres, mas daqueles grupos marginalizados que se apresentavam como comunidade nova, portadores do sofrimento de Cristo, sábios dos mistérios de Deus, igreja nascente, reino de Deus brotando em nosso tempo. Claro, os oponentes desse movimento tinham toda a razão na sua angústia de perder a autoridade eclesial. Tratava-se, na verdade, de um novo elemento de “revelação divina”, como os protestantes iriam dizer. Clodovis Boff, antigamente um grande mestre da “teologia da libertação”, recentemente fez uma reviravolta total. Declarou essa teologia nociva à igreja católica romana matriz por ter confiado tanto na autoridade dos pobres. A parte analítica desse julgamento é certa.

Exegese bíblica

Experimentei, na minha primeira etapa de ensino no Brasil, um transtorno das concepções hermenêuticas, metodológicas e exegéticas. Antes, na Alemanha, tinha trabalhado mais ou menos conforme as regras rígidas da escola “barthiana” e alegadamente “luterana”: A Escritura interpreta-se a si mesma. E a verdade assim encontrada tinha que ser transferida para a nossa época, sem cortes nem acréscimos. Agora vi a nova avaliação do presente, o valor orientador da realidade de hoje e o novo papel dos leigos no fazer teológico. (Parcialmente, a partir de experiências feitas nos Estados Unidos, já tinha praticado uma cooperação com os membros paroquiais no meu tempo de pastor de comunidade, 1965-1975). Essa mudança de perspectiva naturalmente teve consequências profundas para o trabalho do exegeta bíblico.

Em primeiro lugar, a questão hermenêutica, já debatida em termos filosóficos desde a antiguidade grega, sob as condições da vida moderna, assumiu traços especiais e relativizantes. O pensador de hoje descobre muito mais intensivamente a subjetividade do conhecimento, até os cientistas puros enfrentavam, de algum modo, o fato de que o observador mesmo sempre trabalha sob influência de suas próprias perguntas e seus atuais parâmetros mentais e culturais de organizar o conhecimento.⁸ O teólogo Rudolf Bultmann, da Universidade de Marburg, já tinha falado dos “preconceitos” do exegeta que se aproxima de um texto bíblico, mas ele ainda acreditava em uma simples correção do preconceito atual pelo texto, não admitindo alterações significantes da mensagem bíblica. O “texto” ainda permanecia

⁷ Cf. BLEYER, Bernhard. **Subjektwerdung des Armen**. Zu einem theologisch-ethischen Argument im Zentrum lateinamerikanischer Befreiungstheologie. Regensburg: Friedrich Pustet, 2009. (ratio fidei 38).

⁸ Na Alemanha foi o físico Werner Heisenberg que alertou a comunidade acadêmica para a “relatividade do saber”, cf. HEISENBERG, Werner. **Das Naturbild der heutigen Physik**. Hamburg: Rowohlt, 1955.

a autoridade absoluta. Hans-Georg Gadamer, com a sua hermenêutica filosófica bem reconhecida⁹, em sua maneira bem própria, tentava uma aproximação ao ser por meio do discurso linguístico. Em suma, já havia uma consciência ampla das dificuldades de se achar “entendimento” em nosso mundo fragmentado antes da nova teologia da libertação.

Na América Latina dos anos de 1960 e 1970, a hermenêutica bíblica articulou-se em termos bastante práticos. Representantes da primeira fila eram dois exegetas católicos: por um lado, J. Severino Croato¹⁰; por outro, Frei Carlos Mesters. Ambos me deram muitos estímulos para pensar e reorganizar a minha própria visão dos procedimentos hermenêuticos, ambos, de algum modo, deram ênfase particular à problemática social da atualidade, da qual eles partem para consultar o texto, e voltam para cá enriquecidos de boas novas. A terminologia dos dois exegetas é diferente, o esquema gráfico que usam varia, mas essencialmente o caminho e o seu significado são os mesmos. Quer dizer: o que nós percebemos pela avaliação prévia da realidade de hoje, dos fatos maiores da nossa época, da inumanidade vigente nos sistemas econômicos opressores e suicidas, tudo isso resulta em uma hermenêutica bíblica que perscruta a situação vigente, esse é o ponto de partida. Ela quer verificar a realidade, estabelecer os parâmetros decisivos acusando especialmente a falta de justiça social, as violações da dignidade humana, os crimes contra a natureza. Além do quadro externo ao expectador, verifica-se igualmente a posição individual e coletiva do exegeta mesmo e de seu grupo. Os teólogos da libertação sabem do condicionamento de cada interpretador. O exegeta sempre é filho ou membro da sua classe social, educação, participação cultural. Diz Carlos Mesters: Cada pessoa possui seus próprios óculos, mirando e interpretando a redondeza natural, política, econômica etc. Temos que reconhecer essa mesma constelação toda para avaliar autocriticamente os resultados do nosso ver e julgar. Assim, o escrutínio da realidade como primeiro passo da exegese já exige um empenho multifacetado.

A metodologia adequada para tal hermenêutica crítica pode bem utilizar os três passos de ver – julgar – agir, ou seja, ela inclui, desde o início, o alvo prático da exegese bíblica. O próprio Carlos Mesters elaborou um esquema a partir da vida diária, com suas promessas e misérias, para dialogar com o texto bíblico e voltar para a vida plena para transformá-la na imagem do reino de Deus.¹¹ O CEBI, organização para promover leitura e exegese da Bíblia em todas as níveis da po-

⁹ Cf. a sua obra clássica: GADAMER, Hans-Georg. **Wahrheit und Methode**. Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik. Tübingen: Mohr, 1960.

¹⁰ Cf. seus estudos: CROATO, J. Severino. **Liberación y libertad**. Pautas hermenéuticas. Buenos Aires: Mundo Nuevo, 1973. (Tradução brasileira: **Êxodo**. Uma hermenêutica da liberdade. São Paulo: Paulinas, 1983); _____. **Hermenêutica Bíblica**. Buenos Aires: La Aurora, 1984. (Tradução brasileira: **Hermenêutica bíblica**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1986.)

¹¹ Cf. o seu curso publicado como: MESTERS, Carlos. **Círculos Bíblicos**. Petrópolis: Vozes, 1978.

pulação¹², foi inspirado em grande parte por Frei Carlos. Adotou o método dele, educando milhares de multiplicadores, que servem nos grupos de leitura bíblica em muitas comunidades. A nossa prática de ensinar a exegese em pré-seminários da FacTeol costumava começar com reflexões analíticas sobre a própria perspectiva de nós mesmos na conjuntura atual, com uma investigação cuidadosa da situação social refletida no texto, em vez de considerar a mensagem antiga como um bloco primordial da verdade divina.

Os instrumentos e meios da exegese, portanto, incluem não somente as técnicas e os conteúdos da filologia e das ciências históricas, mas, em primeiro lugar, toda a escala dos conhecimentos sociológicos, antropológicos, psicológicos (incluindo as áreas da política, economia, arte, religião, poimênica etc.) voltados ao entendimento da realidade humana. Se o primeiro passo realmente é o de analisar essa realidade, o segundo tem que ser a percepção dos conteúdos da mensagem. Necessariamente, o evangelho do Reino – ou: da justiça, dignidade, paz e preservação do mundo – é uma composição espiritual de valores e esperanças de hoje e das experiências bíblicas (que em si também representam variações enormes).¹³ Apenas essa mistura de motivos, argumentos, reflexões pode dar orientação para a vida atual. Ela capacita pessoas e comunidades, igualmente, para tomarem conta das responsabilidades e dos desafios presentes.

Descobrimto da visão bíblica

A nova validação da realidade espiritual e material evidentemente tem consequências também para o conceito e a compreensão da Escritura Sagrada. Já indiquei antes que a ideia tradicional de uma fonte literária eterna e exclusiva de divinas revelações na verdade é ultrapassada. Eu pessoalmente, como estudante, tinha absorvido a teologia hermenêutica e a “teologia da morte de Deus”. Mas esses pensamentos modernos elaboravam métodos de reformar a mensagem bíblica lá na antiguidade mesma para depois transportar os resultados da reconstrução teológica através dos séculos para a nossa época. (Claro: Também nesse programa de “transferência” de sentido usam-se, inadvertidamente, parâmetros modernos. Mas os mestres da encenação não admitem tal interferência). A teologia da libertação, a meu ver, concedeu à Bíblia um lugar muito importante, respeitado. Mas igualmente ela dá atenção e valor aos tempos atuais, às pessoas miseráveis e às normas aceitáveis da atualidade. A minha linha de pensar, então, se desenvolvia da seguinte maneira: da perspectiva libertadora, a Bíblia é, em primeiro lugar, a palavra universal que se encarnou na antiguidade falando “o vernáculo” (Pedro Casaldáliga) desse tempo e cultura. Cada época subsequente constrói suas normas e seus conceitos específicos

¹² Cf. SCHÜRGER, Wolfgang. **Theologie auf dem Weg der Befreiung**. Das ökumenische Zentrum für Bibelstudien (CEBI) in Brasilien. Erlangen: Verlag für Mission, 1995.

¹³ Cf. GERSTENBERGER, 2007.

de entender e moldar a realidade. Em paralelo, os cristãos reiteradamente têm visões e práticas de fé em interação com os conceitos vigentes das respectivas culturas. O que caracteriza pensamentos cristãos é, com efeito, a conexão frutífera, mas não exclusiva, com as comunidades antigas que produziram essas Escrituras fundamentais do movimento da fé em um Deus justo e salvífico para toda a humanidade.

A posição da Bíblia, portanto, é marcante. Ela absorve e constitui uma faixa larga, nascente no Oriente Médio Antigo, de fé em termos de interpretar e experimentar o mundo, viver a espiritualidade e moldar a sociedade. Existem semelhanças e também grandes diferenças em relação às religiões do Oriente Remoto, ou seja, a Ásia Central e Leste. A Bíblia recolheu, durante um milênio, tradições espirituais pertencentes ao leste do Levante, porém enraizadas nas culturas mais antigas da Mesopotâmia, Egito e Ásia Menor. As Escrituras Hebraicas, a partir de longas transmissões orais, finalmente surgiram na época dos persas, depois do exílio babilônico.¹⁴ Elas se tornaram a coluna principal da nova comunidade judaica emergente, a Torá, os Profetas, os Escritos (hebr: *Tanak*). O cristianismo adotou o cânon hebraico como Sagrada Escritura e, apenas nos séculos subsequentes, aumentou o seu volume com documentos da própria fé, tornando mais larga ainda a faixa da tradição espiritual. A Europa emergente utilizava a Bíblia para cristianizar os pagãos na própria terra bem como nos continentes do além-mar e, assim, instalar o poder globalizante nominalmente sob o governo de Jesus Cristo. Na realidade, a Escritura foi frequentemente abusada para legitimar colonialismos sem fim de nações chauvinistas “cristãs”.

Uma investigação profunda pode revelar que as transformações históricas da Bíblia e de sua utilização sempre pressupõem o caráter dinâmico da tradição bíblica por um lado e influências alheias da época vigente por outro.¹⁵ Nunca se pode dizer que todas as intenções e alvos daqueles que citavam versos bíblicos eram puramente deduzidos dos antigos textos. Sempre havia adições novos consideráveis, muitas vezes contrariando o sentido original da tradição ou selecionando traços individuais em detrimento a outros. A leitura bíblica libertadora acontece como interação cultural e religiosa, nunca há uma transmissão pura, não-adulterada. O que eu aprendi no debate crítico do papel da Bíblia foi que a exegese de hoje precisa de orientações certas para entender a vontade justa e salvífica de Deus. A orientação oportuna para a conjuntura de hoje pode ser encontrada apenas por cuidadoso estudo da situação de hoje em diálogo com os testemunhas de então. A descoberta de que a realidade social e o pobre deveriam ser medidas adequadas para nós naquele momento me convence até hoje. À luz dessa dupla perspectiva determina-se o lugar da Bíblia na minha teologia.

¹⁴ Cf. GERSTENBERGER, 2005.

¹⁵ Cf. SAWYER (Ed.), 2007.

Impacto ecumênico

Nos anos 70 e 80 do século passado, a teologia da libertação provida da América Latina tornou-se muito admirada e copiada globalmente, não obstante outras teologias modernas que surgiram em outros continentes. Eu falo especialmente da minha experiência na Alemanha, para onde voltei em 1981 e onde lecionei Antigo Testamento nas universidades de Giessen e Marburg. A demanda de estudar as teorias e práticas do movimento teológico novo era grande, particularmente entre os estudantes. Seminários sobre a “teologia libertadora” ou “leitura libertadora da Bíblia” estavam sempre superlotados. Algumas editoras alemãs começavam a traduzir livros de Leonardo Boff, Carlos Mesters, Gustavo Gutierrez etc. O intercâmbio estudantil na teologia floresceu, umas centenas de jovens aprendizes foram para a América Latina para um ano de estudo e prática comunitária. Justamente essa ligação íntima com a vida da igreja e da sociedade em geral fascinava estudantes da Alemanha. Em contrapartida, e igualmente com valiosa assistência da Federação Mundial Luterana e de outras entidades de suporte, um bom número de estudantes brasileiros veio para a Alemanha. (De vez em quando ouço relatos nostálgicos de ambos os grupos.) Eles, provavelmente, foram atraídos mais pela fama tradicional da teologia teórica do país de Lutero. Muitos deles procuravam um doutorado, ideia também promovida pela EKD (Evangelische Kirche in Deutschland – Igreja Evangélica na Alemanha), que tentava fornecer a “melhor educação teológica possível” para os futuros professores das instituições eclesiais autóctones. Havia empenhos de implantar os métodos e a prática da leitura bíblica libertadora na Alemanha mesmo e recriar, por assim dizer, as “comunidades de base”. Nessa linha vejo a presença maciça de teólogos latinos nos “Dias da Igreja” (Kirchentage), a fundação de um Centro Bíblico Europeu, o trabalho de várias “Ökumenische Werkstätten” (oficinas ecumênicas) e de certa forma também o intercâmbio estudantil.

Não há como esquecer a conjuntura política e econômica mundial que era o pano de fundo para todo o movimento libertador da época. As décadas de 1960 até 1980 eram caracterizadas pelo antagonismo (“guerra fria”) entre “oeste” e “leste”, ou seja, entre os sistemas capitalista e socialista, bem como pela forte e às vezes sangrenta luta das colônias “europeias” para ganhar e manter a autonomia nacional. Movimentos seculares de libertação dos jugos impostos nos séculos 18 e 19 por poderes hegemônicos oriundos da Europa, com efeito, perseguiam rumos e alvos semelhantes às visões da teologia da libertação. De fato, houve um certo acordo ideológico, às vezes uma colaboração ou identificação, entre as duas facções libertadoras. O fim das confrontações abertas no campo ideológico bem como na esfera colonial a partir dos anos 1990 tinha que influenciar bastante também o pensamento teológico. A outra coisa comemorável nesse contexto está no fato de que as lutas contra qualquer domínio externo ou interno produziam, aqui e ali, reações cristãs em favor dos oprimidos ou desprivilegiados. Quer dizer: aquela consciência bíblica que se identifica com os humildes e necessitados surgiu independentemente

da América Latina em vários outros lugares e situações. Por exemplo, na Coreia do Sul desenvolveu-se a teologia “Minjung”, voltada para os explorados da economia capitalista.¹⁶ Na África do Sul, teólogos falavam do “kairós”, da boa oportunidade de acabar com o racismo oficial imposto ao povo.¹⁷ Outras condições de vida encontram-se na Índia, o subcontinente enorme. Há tempos, cristãos dedicam-se à casta dos intocáveis, o estrato mais baixo da sociedade.¹⁸ No Japão acontecia uma moderada crítica por teólogos cristãos à estrutura hierárquica e “ocidentalizada” e às doutrinas europeias. Articulava-se, por exemplo, teologia do sofrimento de Deus¹⁹ a partir, entre outros fatos, do ataque às cidades de Hiroshima e Nagasaki com bombas atômicas. Até na Alemanha há traços indelévels de uma leitura libertadora da Bíblia através dos tempos²⁰. O último exemplo é o movimento dentro da outrora DDR “Wir sind das Volk” (Nós somos o povo), ou “Schwerter zu Pflugscharen” (espadas em relhas de arados). Cada uma dessas manifestações tem o seu perfil próprio, porque os contextos históricos e culturais são diferentes e, em grande parte, independentes uns dos outros. Mesmo assim, pode-se enxergar um padrão semelhante de se identificar, contra as regras gerais das sociedades afetadas, com as classes mais baixas e contra o domínio das elites ricas e poderosas.

A partir desses apontamentos, perguntamos: Como é possível que a teologia da libertação da América Latina, representando uma variante de movimentos libertadores (pelo menos a meu ver), alcançou um grau de reconhecimento e adaptação fora da esfera própria de validade? Deve ter mais do que uma justificação para esse fenômeno. Entre outros fatores, parece-me ter sido influenciado, nesse sentido, por uma afinidade europeia (incluindo uma boa porção de má consciência diante da história colonial) com a problemática da exploração de indígenas e o sentimento agudo de estarmos presos, por exemplo na Alemanha, em um sistema opressor econômico responsável pelo genocídio e opressão vigentes. Outros itens responsáveis incluem a plausibilidade da argumentação bíblica, a tradição católico-romana liberal, quase protestante, alguns laços étnicos de figuras ligadas à Alemanha ou Bélgica, Holanda (cf. Cardeal Arns; os bispos Lorscheider; Hugo Assmann; Milton Schwantes; Carlos Mesters etc.).

¹⁶ Cf. AHN, Byung-Mu. *Minjung-Bewegung und Minjung-Theologie*. *Zeitschrift für Mission*, v. 15, p. 18-27, 1989.

¹⁷ Exemplos são o bispo anglicano Tutu e o movimento de reconciliação na África do Sul. Cf. *Challenge to the Church. The Kairos Document*, Braamfontein, 1985.

¹⁸ Cf. FORRESTER, Duncan B. *Caste and Christianity*. London, 1979; MELANCHTHON, Monica Jyotsna. *Liberation Hermeneutics and India's Dalits*. In: BOTTA; ANDIÑACH (Eds.), 2009, p. 199-211.

¹⁹ Cf. KITAMORI, Kazoh. *Die Theologie des Schmerzes Gottes*. Göttingen: Vandenhoeck, 1972.

²⁰ Cf. GERSTENBERGER, Erhard S. *A Bíblia – fermento da sociedade humana. Reflexões de uma perspectiva européia*. In: DREHER, Carlos A. et al. (Eds.). *Profecia e Esperança*. Um tributo a Milton Schwantes. São Leopoldo: Oikos, 2006, p. 68-80; GERSTENBERGER, Erhard S. *Liberation Hermeneutics in Old Europe, Especially Germany*. In: BOTTA; ANDIÑACH (Eds.), 2009, p. 61-84.

Mudanças nos anos 1990

A história mundial mudou profundamente uma década antes do segundo milênio acabar. Nós éramos testemunhas desse transtorno. Eu estava de volta na Alemanha, lecionando no mundo acadêmico e tentando manter minha carteira brasileira de imigrante. Isso significava voltar para o Brasil pelo menos a cada dois anos. Fiz justamente isso, e fui professor visitante na FacTeol de São Leopoldo/RS ou na Faculdade Metodista de Rudge Ramos em São Bernardo do Campo, SP. Quis ficar em contato com a situação no Brasil. A estadia mais comemorável, por acaso, era o semestre de inverno de 1985, quando substituí o Milton Schwantes na FacTeol. O Tancredo Neves estava para tomar posse no Planalto e morreu poucos dias antes da cerimônia. O prolongado drama de sua morte ainda reverbera na minha memória.

Como a teologia da libertação se deu com as mudanças ocorridas: a queda do sistema soviético, do socialismo centralista e hegemônico? A vitória total do mercado livre e do domínio estrangeiro sobre a economia nacional? A instalação de um governo democrático no Brasil e em outros países da América Latina? O combate finalmente sucedido da inflação horrenda? Os parâmetros da vida e do pensar mudaram. Tinha desaparecido a confrontação direta com as forças opressoras, os poderes ditatoriais. Reinava – pelo menos no papel e conforme a constituição –, a vontade do povo. A retórica da luta de classes, a simplista identificação dos culpados pela estrutura social opressiva e pela injusta distribuição de posses e da renda não eram mais adequadas. Agora todo mundo tinha responsabilidade pelo bem-estar comum. A teologia tinha que pregar participação em vez de resistência, responsabilidade em vez de denúncia, prudência financeira em vez da rejeição do sistema econômico. Aceitando a nova democracia, os cristãos tinham que se converter de profetas em colaboradores críticos dos mecanismos políticos e econômicos adotados pela maioria do povo.

Não era fácil mudar os padrões e alcançar os novos alvos. Lembro-me bem dos debates acirrados dos anos 1990, quando se constatava até um deterioramento das condições de vida para as classes mais baixas. A concentração dos bens nas camadas mais altas da sociedade aumentou. A miséria da multidão dos pobres consequentemente também cresceu. Eles recebiam cada vez menos do bolo produzido pelas economias nacionais. Ironicamente, um ministro das Finanças do governo militar tinha, uma vez, prometido que no novo milênio a distribuição de renda iria beneficiar todos os cidadãos do Brasil.²¹ Como ele se enganou! Teólogos da libertação analisaram a nova ordem e concluíram que a ideologia do mercado livre perdeu qualquer sentimento humano, porque não mais necessitava manter a aparência de ser misericordiosa diante de um inimigo e concorrente socialista. Agora, diziam, a ganância pura, o capitalismo selvagem poderia se realizar sem os mínimos

²¹ SIMONSEN, Mário Enrique. **Brasil 2001**. Rio de Janeiro: APEC, 1972.

escrúpulos. Constatava-se que os mais ardentes defensores do “mercado livre” não mais queriam pensar em gente marginalizada e ainda útil como baratíssima mão de obra, pelo contrário, a população lá em baixo (uma maioria!) foi considerada totalmente inútil, excluída de todos os ciclos de vida comum. Mas qual a reação da teologia nessa situação? Como pôde funcionar uma “libertação” dos esquecidos nessa situação precária sob condições democráticas?

Na verdade, o problema torna-se mais grave ainda quando a ordem capitalista da democracia vigente começa a melhorar um pouco, só um pouquinho, o dia a dia das pessoas famintas, como aconteceu na última década no Brasil. Programas do governo visando eliminar a fome, promover a escolaridade dos jovens, aumentar o salário mínimo etc. deram alguns resultados. Chega isso para se contentar no momento, elogiar o progresso social e colaborar com os governantes esperando mais passos pequenos em direção à renovação do mundo? Se for o caso, alguns adeptos da teologia libertadora não suspeitariam de uma traição dos alvos fundamentais da esperança cristã?

Que libertação? Análise e atuação

É claro que com as mudanças políticas dos anos 1990 mudaram também as precondições da teologia cristã e da exegese bíblica. E com o passar do tempo e novas transformações e perturbações em importantes áreas da vida (cf. a crise financeira recente, guerras, alianças, preservação do ambiente etc.), as situações teologicamente relevantes vão colocar mais desafios para novas adaptações do discurso e do atuar das comunidades cristãs. Qual é, nesta altura, o rumo de uma teologia libertadora?

Uma pergunta básica bem razoável é: Podemos ainda conceber uma tal teologia que lidera os miseráveis dos cativeiros econômicos e políticos se o nosso sistema social está conscientemente organizado nos moldes capitalistas, ou seja, do mercado livre? Essa ordem econômica parece intimamente ligada com a estrutura política, conseqüentemente não pode ser contestada (até países socialdemocratas aderem às regras de uma economia livre). Não seria muito mais adequado nomear a teologia consciente dos problemas sociais de teologia “da educação”, ou “da aprendizagem social”, ou “da solidariedade”, ou “da irmandade” etc.? De fato, um livro muito importante parece sugerir uma reclassificação dos termos centrais.²² Liberar alguém pressupõe o cativo desse indivíduo ou grupo social. Há, por acaso, pessoas inocentes presas em uma sociedade livre?

Teólogos tradicionais iriam apontar prontamente os sistemas espirituais de cativo. Conforme numerosas passagens bíblicas, os seres humanos sofrem, em

²² ASSMANN, Hugo e SUNG, Jung Mo. **Competência e sensibilidade solidária**. Educar para a esperança. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

primeiro lugar, as algemas do pecado, morte, egoísmo etc. Para eles, a libertação genuína, portanto, é um ato espiritual efetuado por Deus mesmo. Nesse ponto, a teologia da libertação tem-se afastado do discurso conservador e voltado para os problemas reais da vida moderna, redefinindo os conceitos de pecado, culpa, salvação. Mas os teólogos tradicionais certamente têm o mérito de alertar para uma conceituação variável, distinguindo o aprisionamento verdadeiro do estar mental ou espiritualmente sob custódia alheia. E se nós olharmos mais de perto, ficará óbvio que existem tais cativos em todos os tipos de sociedade. A designação “livre” em relação à completa organização social realmente é uma ilusão; ela só se pode referir à ideia básica e às dimensões jurídicas de uma determinada sociedade, não afeta inúmeras relações de compulsão, extorsão e dependência dentro dos melhores sistemas sociais que escapam à supervisão das leis e do poder executivo. Em outras palavras: uma sociedade democrática infelizmente ainda não é o reino de Deus.

Se aceitarmos essa descrição da situação atual no nosso planeta, a “teologia da libertação” e a “leitura libertadora da Bíblia” manterão seu direito de existir, não importando o nome que conferirmos ao movimento. Devido às mudanças dos sistemas nacionais e globais, a finalidade do pensamento libertador fica a mesma: uma transformação das organizações sociais em direção a um mundo mais justo e pacífico, quer dizer, a eliminação de fome, guerra, opressão, destruição da natureza, discriminação e de tudo que viola ou diminui as chances de uma vida digna a cada ser humano. A visão deste mundo não é apenas uma utopia. Contém elementos bem reais e realizáveis. Infelizmente, o estado atual, apesar de alguns momentos e algumas regiões de melhora, é de deterioramento. A previsão da ONU de reduzir a fome no mundo nos próximos anos não está se realizando. As nações mais pobres permanecem atrasadas. Desemprego e falta de escolas bem como de serviços efetivos de saúde atingem sempre maiores segmentos da população. As guerras civis e internacionais de fato são incontroláveis. Nos últimos anos, fortaleceu-se também a consciência comum de que a humanidade está cada vez menos capaz de se organizar razoavelmente para assegurar a própria sobrevivência. Os problemas mundiais são extremamente complicados, os interesses particulares são tão diversificados, que as melhores conferências internacionais falham em encontrar soluções adequadas.

Agora, essa é a chance de uma nova teologia da libertação, ou seja, de uma teologia da solidariedade. Como ela pode agir na conjuntura atual?

→ Há dois pontos de partida: Por um lado, a humanidade está acordando do sono da indiferença, respectivamente do otimismo ingênuo. Nota-se pelo planeta todo que as coisas não vão bem, de jeito nenhum. Existe, isto sim, em algumas regiões, uma euforia de progresso. Mas os muitos perigos ameaçando a existência da vida toda se tornam cada vez mais óbvios. Vítimas de catástrofes naturais ou humanas, refugiados, desempregados, doentes, discriminados, perseguidos clamam por solidariedade. As necessidades deles devem ser avaliadas. Por outro lado, o testemunho bíblico e da cristandade toda tem que ser consultado. Como eles enxergaram e praticaram o diálogo com a tradição herdada dos antepassados para desenvolver uma agenda de ação visando ao salvífico reino divino?

→ Exclui-se, na época da democracia, o uso de coerção violenta para alcançar os alvos de melhorar o mundo. (Felizmente, hoje, o cristianismo não mais ocupa, quase em nenhum lugar, uma posição hegemônica!). Restam as medidas permitidas pela constituição nacional e os direitos internacionais. A greve e a resistência passiva, em regra, são instrumentos legítimos. O normal é, em sociedades pluralistas, usar meios de propaganda e persuasão. Na herança espiritual cristã, é sobretudo a vida exemplar que persuade. Viver a verdade é o antigo moto bíblico.

→ No nível intelectual, teológico, certamente a argumentação aberta sobre a grave situação do mundo e as possíveis soluções é imprescindível. A Bíblia e a tradição cristã, desde o início, oferecem bastantes impulsos muito oportunos para a nossa reflexão. Com os estímulos do passado, estamos melhor equipados para nos aproximar imparcialmente dos assuntos sociais, políticos e econômicos. Analistas que olham só o estado presente perdem a visão histórica profunda. Tal análise incisiva, porém, é essencial; deve desmascarar os interesses particulares da elite (inclusive aqueles que nós mesmos estamos cultivando!) e respeitar as reivindicações (muitas vezes sufocadas e ignoradas) dos pobres.²³ Melhor ainda, se as classes baixas podem se articular por si mesmas, a teologia da libertação, através de uma convivência com elas, pode ajudar na sua organização.

→ Sem dúvida, as igrejas cristãs ainda retêm, em muitos lugares, autoridade e capacidade de ensinar a juventude. “Educar para a esperança” reza o subtítulo da obra de Assmann e Sung. Sim, a aprendizagem da solidariedade talvez se torne a tarefa básica para a sobrevivência da humanidade.²⁴ Que outra oportunidade existiria de erradicar as falhas humanas na construção da sociedade? Não confiar apenas em si mesmo, mas também “acreditar nos irmãos” (Pedro Casaldáliga). Este alvo de uma teologia libertadora: sair do próprio egoísmo e chauvinismo, também deveria constar na agenda da psicoterapia e da poimênica cristã, porque tem muitas vítimas de uma sociedade propagando o valor supremo e exclusivo do indivíduo. E essa teoria pode ser uma armadilha destrutiva da nossa época, contrariando a solidariedade bíblica.

Referências bibliográficas

AHN, Byung-Mu. Minjung-Bewegung und Minjung-Theologie. *Zeitschrift für Mission*, v. 15, p. 18-27, 1989.

²³ Análises cristãs certamente têm uma qualidade ética especial na medida em que ouvem a mensagem bíblica. Cf. SUNG, Jung Mo. **Teologia e economia**. Repensando a teologia da libertação. Petrópolis: Vozes, 1994; e _____. **Sementes de esperança**. A fé em um mundo em crise. Petrópolis: Vozes, 2005.

²⁴ A obra clássica sobre essa temática ainda é muito valiosa: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

- ASSMANN, Hugo e SUNG, Jung Mo. **Competência e sensibilidade solidária**. Educar para a esperança. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BLEYER, Bernhard. **Subjektwerdung des Armen**. Zu einem theologisch-ethischen Argument im Zentrum lateinamerikanischer Befreiungstheologie. Regensburg: Friedrich Pustet, 2009. (ratio fidei 38).
- BOTTA, Alejandro F. e ANDIÑACH, Pablo R. (Eds.). **The Bible and the Hermeneutics of Liberation**. Atlanta: Society of Biblical Literature 2009. (Semeia Studies 59).
- COMISSÃO de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo. **Crescimento e pobreza**. São Paulo: Loyola, 1976.
- CROATTO, J. Severino. **Hermenêutica Bíblica**. Buenos Aires: La Aurora, 1984. (Tradução brasileira: **Hermenêutica bíblica**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1986.)
- _____. **Liberación y libertad**. Pautas hermenêuticas. Buenos Aires: Mundo Nuevo, 1973. (Tradução brasileira: **Êxodo**. Uma hermenêutica da liberdade. São Paulo: Paulinas, 1983);
- DREHER, Carlos A. et al. (Eds.). **Profecia e Esperança**. Um tributo a Milton Schwantes. São Leopoldo: Oikos, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- GADAMER, Hans-Georg. **Wahrheit und Methode**. Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik. Tübingen: Mohr, 1960.
- GERSTENBERGER, Erhard S. **Teologias no Antigo Testamento**. Pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento. Trad. de Nelson Kilpp. São Leopoldo: CEBI; Sinodal, 2007. (Ed. original alemã: **Theologien im Alten Testament**. Stuttgart: Kohlhammer, 2001.)
- _____. **Israel in der Perserzeit**. Stuttgart: Kohlhammer, 2005. (Biblische Enzyklopädie 8).
- GRÄTZ, Sebastian; SCHIPPER, Bernd U. (Eds.). **Alttestamentliche Wissenschaft in Selbstdarstellungen**. Göttingen: Vandenhoeck, 2007. p. 140-152. (UTB 2920).
- HEISENBERG, Werner. **Das Naturbild der heutigen Physik**. Hamburg: Rowohlt, 1955.
- KITAMORI, Kazoh. **Die Theologie des Schmerzes Gottes**. Göttingen: Vandenhoeck, 1972.
- MESTERS, Carlos. **Círculos Bíblicos**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- SAWYER, John F. A. (Ed). **The Blackwell Companion to The Bible and Culture**. Oxford: Blackwell, 2007.
- SCHÜRGER, Wolfgang. **Theologie auf dem Weg der Befreiung**. Das ökumenische Zentrum für Bibelstudien (CEBI) in Brasilien. Erlangen: Verlag für Mission, 1995.
- SIMONSEN, Mário Enrique. **Brasil 2001**. Rio de Janeiro: APEC, 1972.
- SUNG, Jung Mo. **Teologia e economia**. Repensando a teologia da libertação. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. **Sementes de esperança**. A fé em um mundo em crise. Petrópolis: Vozes, 2005.